JOSÉ EDUARDO **DEGRAZIA**

PARÁBOLA PARA UNICÓRNIOS

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: E. P.

IMAGEM DA CAPA: Giuseppe Mazzolani (1842 – 1916), *Il Capricorno*, 1909.
(commons.wikimedia.org)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D321p DEGRAZIA, José Eduardo. 1951.
Parábola para unicórnios / José Eduardo Degrazia –
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2019.
162 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-511-9

1. Poesia I. Título.

CDD: B869.91

Índice sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O ARREMESSO AO INFINITO DE DEGRAZIA

Confesso que escrevo esta apresentação vivendo a emoção, o orgulho e o encantamento pelo poeta que José Eduardo Degrazia se tornou. Explico. Digo 'se tornou' porque me vejo revisitando nossa adolescência, lá no início dos anos 70, no Laboratório de Criatividade Literária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criado pela Lygia Averbuck, então diretora do Instituto Estadual do Livro, e pelo Flávio Loureiro Chaves, professor de Literatura Brasileira do Instituto de Letras. Éramos dez candidatos a escritores e tínhamos nossos textos analisados pelos "já consagrados", como o jovem Moacyr Scliar, o Carlos Carvalho, o Carlos Stein, o Josué Guimarães. Dos dez, creio que apenas nós dois continuamos a "lutar com as palavras".

Que poeta ele se tornou? Um grande poeta. Ficcionista, poeta e tradutor, tem dezenas de obras publicadas e poemas traduzidos em vários países. Ele é o poeta questionador da própria experiência estética, o poeta da metapoesia, um poeta de ruptura que não reproduz a realidade mesma, ele a reinventa. Prova disso é este *Parábola para unicórnios*, terceiro livro da trilogia.

Octavio Paz tem um texto fantástico em que afirma que vivemos num tempo de crise de todos os valores antes absolutos: ético, estéticos, religiosos, filosóficos... nossa sociedade é a primeira a viver sem um parâmetro que não seja o histórico.

Todorov deixa claro que, como habitantes do século XXI, somos confrontados a dificuldades que a humanidade não teve que resolver no passado, somos levados a caminhar fora das trilhas já demarcadas. "Não surpreende que, com freqüência, venhamos a errar; nossa busca é legítima.". Estamos, portanto, diante de um tempo que precisa de um novo humanismo, de um lado, e de outro, um tempo e uma arte sem modelos, uma arte que só pode extrair suas perguntas/ respostas/ escolhas de si mesma. Uma arte livre. Uma poesia livre, mesmo quando se debate com limites. Nesse contexto, não basta ao Degrazia o possível, por isso, ele se abre para as diferentes formas, para a multiplicidade, para as metáforas de translação de sentidos próprias da linguagem poética, para a plurissignificação. "Experimento formas/ fôrmas deformam", dirá em "Experiência".

Se em Poe e Baudelaire, aparece a reflexão crítica acerca do lugar da poesia e da própria possibilidade da poesia, pode-se dizer que a contemporaneidade é marcada pela metapoesia, definida como o poema em sua essência, na medida em que abarca o ato criador mesmo, o poema como objeto e fim, matéria de si mesmo.

Já no poema de abertura de *Parábola de Unicórnios*, encontramos:

Entre o icônico
(atômico)
o linguístico
(autossômico)
som
cor
ritmo
corte
imago
(intemporal)
poesia visual

não casual
(causal)

A poesia visual
é informação
(ação)
e signo.

Texto e imagem
no branco da página
a ideia

é o olho.

Observe-se o jogo de palavras, a disposição do poema no espaço da página e a forma como ele aponta para as características da poesia – som, cor, ritmo, corte, imago – para concluir que a poesia visual é causal e não casual, encaminhando para o seu conceito: a poesia visual é informação/ação e signo, é imagem que se faz ideia e ideia, olho, portanto, ela colhe todos os tempos, ela atravessa o tempo, vai além, "a poesia arma a ponte/sobre o rio" (*O Dever do Tempo*), o rio que é metáfora, na literatura universal, da própria transitoriedade, da efemeridade de tudo. Mas, a poesia, para o sujeito lírico, transcende o tempo, porque "A poesia nunca é despedida." (*Ainda Bate*), porque o verso é a razão do seu sentimento, porque "Quando vejo um poema, viajo na alma" (idem).

O tempo – "Tudo vai,/nada fica,/tudo flui, significa" (*Tudo Vai*) – e a vida, a perigosa ultrapassagem – "amar/deixar//chegar/partir//viver/morrer" (*Amar*) são temas recorrentes em *Parábola para unicórnios*. Impressiona em José Eduardo Degrazia o domínio do verso, do ritmo, da palavra. Sua poesia emerge da sensibilidade e da inquietação estética, do entendimento humano do ser, num mundo fragmentado e dialético.

Se "A vida é uma mentira sustentável./ A vida é sempre irresponsável. A vida é sempre irreprimível." (*A Vida é um Texto*), também é verdade que "A vida nunca é fardo,/enquanto estamos aqui/ é melhor ser feliz" (*Do outro lado*). E o tempo se rende à vida e ao poema: "Nem mesmo a morte nos cala/ Fica sempre um poema, uma fala,/ fica sempre um corpo ou uma alma." (*A Vida é um Texto*).

Versos curtos e longos, jogos de palavras, poemas concretos, poemas conceituais, enumerativos, futuristas, Haikais conversam com a tradição e empenham-se, em sua estética, na construção de um projeto imagético forte e surpreendente, que pulsa de verdade e encanto. Também a fotografia é recorrente, porque foto e poema se completam e salvam , talvez essa, por ventura, seja a chave para o mergulho no universo de *Parábola para Unicórnios*. Penso que esta é a síntese da poética de Degrazia:

A POESIA PODE SER QUALQUER COISA

Qualquer coisa pode ser poesia desde que ouse.
Qualquer poesia pode ser qualquer coisa desde que pouse.
Qualquer poesia pode ser qualquer coisa se alguém ouça.
Qualquer coisa pode ser poesia desde que tenha força.
Qualquer poesia pode ser qualquer coisa desde que quebre a louça.
Qualquer coisa pode ser poesia desde que não se conforme.
Qualquer poesia pode ser coisa desde que informe.
Qualquer coisa pode ser poesia desde que seja informal.
Qualquer poesia pode ser qualquer coisa desde que transforme.
Qualquer coisa pode ser poesia desde que faça bem/mal.

A matéria de sua poesia é, portanto, o cotidiano, o comum. "Muralha Antitrampa" , uma paródia de riso sério, ou o poema "No beco" são evidências disso, mas é mais do que isso. É no rearranjo do presente, do comum, que vai desfazendo certezas e caminhos prontos, num constante exercício de rea-

prendizagem de novas possibilidades de apreender este mesmo mundo. Um mundo de que o próprio poeta é resultado: "10. Às vezes ando em paralelas comigo mesmo e nunca me encontro" (*Variações Euclidianas*).

Compagnon comenta que o poeta dispõe do poder de desvelar uma verdade que não seja transcendente, mas latente, potencialmente presente, escondida fora da consciência, imanente, singular e, até aí, inexprimível. Ora, se o mundo de hoje é múltiplo e fragmentado em constante transformação e, se assim é o homem – "sou/ o mínimo/ e o máximo/ divisor/ comum/" (*Sou*) –, a expressão estética só pode abarcá-los, homem e mundo, de diferentes formas e através de jogos que lidam, simultaneamente, com o estrato sonoro, o das unidades significativas e visual e desafiam na ousadia do multilinguismo.

Para este sujeito lírico, do presente, sequer Deus está ao lado das certezas, a menos que seja o Universo (*O Universo*), mas antes, ele próprio é uma possibilidade. Veja-se o haikai da série "Metafísicos":

Mas quem sabe um deus
tem rédeas desse mundo
tudo o mais é mudo.

Ele não é perfeito, porque, mesmo tendo a medida, "só dá a dica/ aos escolhidos,/ ou aos metidos" (*Fora de Foco*), ou "Um Deus que, se existiu, morreu de susto/ de si mesmo" (*Deus*).

É interessante que se observe, entretanto, que não há sofrimento nos poemas de Degrazia, sequer desesperança, há um momento intervalar entre o tempo/movimento entre o que pensa e sente, entre o que teve e o que findou (Poesia & Tempo), neste momento intervalar entra o fazer poético liberto e libertador, como os pássaros (*Pássaros*) desenhados em versos, como o ritmo criança de *A Chuva*:

Vamos: ouvir, cantar, molhar, escorrer, embalar, ninar,
rir, riscar, acompanhar, deslizar, acariciar, deitar,
correr, trotar, pintar, enfeitar, colorir, atrair, dançar,
adormecer, viver.

Vamos.

Os unicórnios? Seres mágicos capazes de alimentar-se de nuvens do entardecer e dos raios do sol, as substâncias puras. Seres mitológicos capazes de transformar as substancias impuras em substâncias brilhantes, cheias de luz e vida, como a poesia. E como a poesia, "3. Os unicórnios embaralham as parábolas, as hipérboles e as elipses", e pouco importa se hoje lideram inovadoras startups, porque em Degrazia, é assim, "Qualquer coisa pode ser poesia, desde que ouse".

De fato, o poeta mergulha com ousadia no espaço iluminado aberto entre a realidade múltipla e complexa em que vivemos e a linguagem para, de lá, fazer emergir a corporalidade da palavra poética. Uma poesia que se sabe linguagem e jogo, uma poesia simples que subverte sua própria simplicidade para buscar a cumplicidade do leitor nos sentidos plurais, numa visão particular do ato de viver, quando viver se confunde com o ato da escrita.

É o que faz de José Eduardo Degrazia um dos grandes poetas da literatura nacional. Degrazia é daqueles que "são como os astronautas/ que se arremeçam no espaço infinito" (*Os Poetas São*). Este espaço que tenho a felicidade de apresentar ao leitor.

Jane Tutikian,
Outono de 2019.

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2019.